

MATERIAL DE APOIO



ELEIÇÕES

DIRIGIDO POR ALICE RIFF

PRODUÇÃO



DISTRIBUIÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



INTRODUÇÃO

A educação é elementar para a formação cidadã. Embora a sua representação social se vincule diretamente à instituição escolar, sabemos que a educação em seu sentido amplo não se limita à escola.

A educação acontece em conjunto com as experiências e saberes ligados ao amplo processo do desenvolvimento do Ser Humano. —————>

SAIBA MAIS

Como está na Lei nº 9.394/1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Art.1º, "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais".

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA SÃO GRANDES. CONFORME O CENSO ESCOLAR 2017, 24% DAS CRIANÇAS NÃO CONCLUEM O ENSINO FUNDAMENTAL, 41,5% DOS JOVENS NÃO CONCLUEM O ENSINO MÉDIO ATÉ OS 19 ANOS. SEGUNDO A OCDE, APENAS 2,4% DOS JOVENS DE 15 ANOS QUEREM SER PROFESSORES E SÓ 49% DOS DOCENTES RECOMENDAM A PROFISSÃO.

Apesar das contradições e dos problemas enfrentados pela educação e a escola, a escolarização continua sendo a principal porta de inserção na vida social e no mundo do trabalho dos 48,6 milhões de estudantes das 148,1 mil escolas espalhadas pelo Brasil.

Ser um espaço de diálogo, de realização de ações criativas, de descobertas significativas para os sujeitos, parece ser o principal objetivo daquelas e daqueles que se comprometem a realizar experiências pedagógicas na escola, baseadas no diálogo, no respeito e na valorização da Diversidade, nos princípios democráticos e na participação coletiva.

Nesse sentido, ao abordar o processo para a escolha da representação estudantil na escola, o filme *Eleições* revela também aspectos da relação escola e participação, diversidade, relações étnico-raciais e de gênero. O filme *Eleições* ajuda a conhecer um pouco da nova geração de estudantes e a desconstruir alguns preconceitos, pois mostra como: 1) os estudantes sabem identificar os limites e têm uma percepção clara dos problemas da escola, 2) os estudantes têm uma potencialidade fabulosa de intervenção criativa e de realização quando estimulados à participação e, 3) os estudantes compreendem a riqueza e o sentido do trabalho e da ação coletiva.

A JOVEM OU O JOVEM DOS DIAS DE HOJE ESTARIA COLABORANDO COM A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL APENAS POR UTILIZAR COM DEDOS ÁGEIS A TELA DO SMARTPHONE? MERO ENTRETENIMENTO? LEDO ENGANO!

O filme *Eleições* nos convida a reconhecer que a juventude está aí com seus corpos e suas identidades anunciando práticas e afirmando que o futuro é hoje!

ESCOLA E PARTICIPAÇÃO

A escola é o principal equipamento público ao alcance de crianças e jovens no Brasil. Há no país hoje 48,6 milhões de crianças e jovens matriculados nas 184,1 mil escolas e atendidos por 2,2 milhões de docentes. Por ser o equipamento público de destaque e principal instituição social a receber uma parte considerável das crianças e adolescentes que vivem nas cidades, a escola se constitui num espaço privilegiado para a formação dos sujeitos e tem papel fundamental na promoção da cultura dos direitos.

Considerando a abrangência, a diversidade e o contingente de pessoas que produzem e vivem o espaço escolar, é perceptível que a escola também pode acentuar os momentos pedagógicos e fortalecer seus espaços e agentes que agem em seu interior para assegurar um lugar seguro, agradável, de estímulo criativo e científico para os seus estudantes, professores, técnicos, auxiliares e comunidade do entorno. As ações do cotidiano escolar não precisam ser enquadradas automaticamente às regras e burocracias, que muitas vezes operam para garantir apenas o controle dos indivíduos e a administração da unidade; o cotidiano escolar pode ser um espaço propenso a fazer brotar a imaginação, o senso de coletividade, despertar o sentimento de pertencimento e o desejo de realização.

ESTIMULAR A PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS ALUNOS NO COTIDIANO DA ESCOLA É UMA INICIATIVA NECESSÁRIA PARA ALCANÇAR A MUDANÇA QUE SE DESEJA!

Nesse sentido, o Conselho de Escola e a Associação de Pais e Mestres são alguns órgãos representativos importantes para a promoção da participação democrática. Mas eles não são os únicos! O grêmio estudantil é a entidade que representa os estudantes e muito necessário para garantir a voz desse segmento na tomada de decisões da escola.

Fazer uma festa, realizar parcerias e projetos, estabelecer as prioridades a serem contempladas no orçamento da escola são algumas das decisões que podem ser discutidas e deliberadas coletivamente, não precisa ser decidido apenas pela direção da escola. Se a direção sozinha decide sempre o que e como fazer ou se limita a executar meramente as orientações externas, torna-se difícil despertar o sentimento de pertença e de responsabilidade de toda a comunidade pelas questões da escola. Possibilitar aos estudantes, pais/responsáveis, professores e demais membros da equipe escolar que opinem e participem na tomada de decisões da escola é uma ação necessária para firmar as bases da cidadania e da transformação no cotidiano da escola.

**48,6
MILHÕES**
DE CRIANÇAS E
JOVENS ESTÃO
MATRICULADOS
NAS 184,1 MIL
ESCOLAS
BRASILEIRAS

COLETIVIDADE

A mobilização em torno das eleições para a composição do Grêmio estudantil revela a riqueza de um processo que devolveu aos estudantes um dos sentidos que o espaço escolar pode acentuar em seu fazer pedagógico: o **trabalho coletivo**. O envolvimento dos estudantes a partir da construção das chapas, dos debates para a apresentação de projetos e ideias, da organização e do trabalho coletivo transformou os alunos em sujeitos de um processo rico e diverso. Colocou os estudantes diante de si mesmos e dos outros, agora não mais como pessoas isoladas, solitárias e sem expressão, mas como protagonistas de uma história que desde seu início já passava a alterar a dinâmica do cotidiano escolar, bem como a interagir com a sua estrutura de poder. Esse protagonismo evidenciou ainda que os seus sujeitos não pairam no ar, eles possuem identidades e se relacionam com questões bem concretas da contemporaneidade: classe, raça, gênero, crença, etc. Nesse sentido, o processo de mobilização para o **Grêmio Estudantil** assume o papel importante de ir além da simples eleição de uma chapa, mas sobretudo promover o encontro e a convivência entre os sujeitos, o reconhecimento da pluralidade e o desenvolvimento da participação.

O TRABALHO COLETIVO

TRANSFORMOU OS ALUNOS EM SUJEITOS DE UM PROCESSO RICO E DIVERSO.

AS ELEIÇÕES

PARA DEFINIÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL PROMOVE, SOBRETUDO, O ENCONTRO, A CONVIVÊNCIA ENTRE OS ALUNOS, O RECONHECIMENTO DA PLURALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO.

RELAÇÕES SOLIDÁRIAS, DE AFETO E CUIDADO

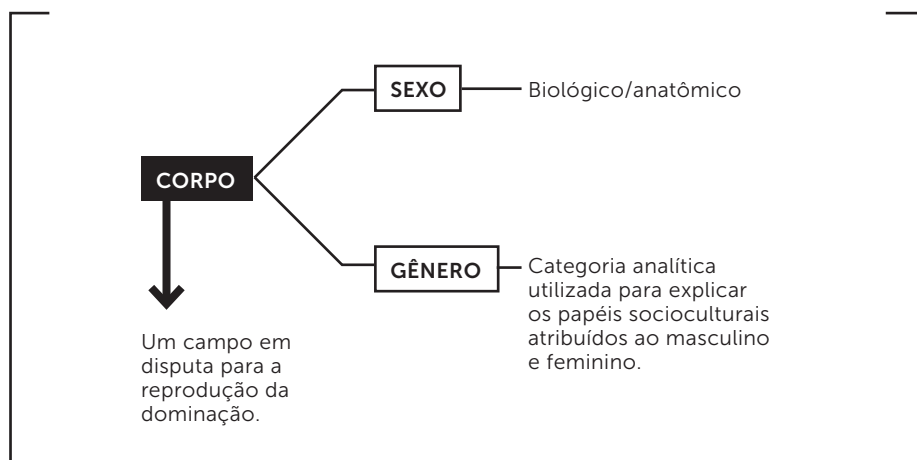
Mais do que aprender a ler, a escrever e obter um conjunto de conteúdos básicos para acessar o conhecimento científico, a escola é também o espaço em que a vida de professores, funcionários e estudantes acontece. Durante as 5 ou 8 horas diárias na escola, os indivíduos não deixam em "suspense" suas vidas, seus sonhos e expectativas. Esse tempo é suficiente para tecer um cotidiano no qual as relações tenham significado genuíno para as pessoas, que não sejam mediadas por normas e regras verticais e automáticas, as quais quase sempre tentam tornar iguais e controlar as pessoas e a objetivar os processos. No cotidiano da escola, em meio a contradições, as pessoas criam subjetividades que também carregam a potência de prefigurar a solidariedade, a empatia, e o reconhecimento do outro.

DIVERSIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

A escola é um espaço social importante no processo de formação das pessoas. No cotidiano escolar são geradas demandas próprias deste espaço, mas que também se relacionam com questões mais amplas da sociedade. Por isso, é importante identificar e compreender de que forma esses temas são acolhidos e refletidos no ambiente escolar, bem como qual o papel da escola para a garantia de direitos de todos os sujeitos que dela fazem parte.

Temas como desigualdade de gênero, feminismo, machismo, sexualidade, religiosidade, meio ambiente, etc., merecem ser abordados no cotidiano escolar, com o objetivo de ajudar na construção de pessoas em formação em cidadãos com direitos e deveres. Portanto, a escola comprometida com a construção da cidadania põe em prática os princípios democráticos e se responsabiliza em garantir os direitos e a dignidade da pessoa.

As relações estabelecidas no cotidiano escolar podem tanto reproduzir preconceitos, discriminações, estereótipos, mas também podem desenvolver e estimular atitudes positivas.



Para isso, é preciso conhecer, acolher e compreender a pluralidade e a diversidade presentes no espaço da escola.

A cultura impõe-se aos indivíduos pelo longo processo de socialização. A partir dos primeiros contatos que os adultos estabelecem com a criança são transmitidos valores, comportamentos e atitudes.

PARA ENTENDER...

O conceito de gênero foi criado para designar as relações sociais entre os sexos, rejeitando explicitamente as justificativas biológicas para explicar os papéis histórico e cultural de ser homem e de ser mulher. Assim, homens e mulheres são “construções sociais”, não são resultado da anatomia de seus corpos. Ou seja, a noção de gênero se refere à construção social do ser mulher ou homem, isto é, é a forma como as pessoas se sentem e se identificam.

“Gênero, enquanto um conceito, identifica processos históricos e culturais que classificam e posicionam as pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder”. FONTE: [MANIFESTO PELA IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO: POR UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA, INCLUSIVA E SEM CENSURAS.](#)

Nessas relações, as identidades e os papéis de homem e mulher são construídos, bem como são reproduzidos comportamentos que distinguem as pessoas socialmente e reforçam posturas que produzem e reproduzem as formas da exploração do trabalho em nossa sociedade.

TODA MENINA GOSTA NATURALMENTE DE FAZER BALLET OU DE USAR SAPATOS DE SALTO?

TODO MENINO GOSTA NATURALMENTE DE FUTEBOL OU DE EMPINAR PIPAS?

POR QUE OS MENINOS NÃO PODEM CHORAR OU DEMONSTRAR AFETO?

POR QUE A MENINA DEVE SER “DOCE” OU “SENSÍVEL”?

QUAL É O PAPEL DA ESCOLA NESSE ASSUNTO?

Mulheres e homens são diferentes, essa é uma realidade! No entanto, quando as diferenças são hierarquizadas, atribuindo a algumas a posição de superioridade e a outra a de inferioridade, aí se estabelece uma situação de poder pautada na desigualdade.

A desigualdade de gênero pode ser notada em todas as esferas da vida social, mas se relaciona com a educação e a escola de forma específica. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD contínua), em 2017, o Brasil tinha 11,5 milhões de analfabetos. Dos jovens entre 15 a 29 anos, mais de 25 milhões estavam fora da escola, curso, universidades ou qualquer outra instituição regular de ensino no mesmo ano. A taxa de analfabetismo é maior entre os homens (7,1%), do que entre as mulheres (6,8%). Quando indagadas sobre os motivos da não frequência escolar, 24,2% das mulheres de 15 a 29 anos disseram que não frequentam a escola “por ter que cuidar dos afazeres domésticos ou de criança, adolescente, idosos ou pessoa com necessidades especiais” contra 0,07% de homens. Já 49,4% dos homens na faixa etária mencionada que não frequentam a escola responderam que “Trabalha, está procurando trabalho ou conseguiu trabalho que vai começar em breve”, contra 28,9% das mulheres pelo mesmo motivo. Assim também a participação na modalidade de educação profissional foi mais frequente entre os homens (12,0%) do que entre as mulheres (8,1%). Segundo a Unesco, menos de 30% dos pesquisadores no mundo são mulheres. “Na verdade, o potencial inexplorado de meninas e mulheres brilhantes interessadas em ciência, tecnologia, engenharia e matemática (Science, Technology, Engineering and Mathematics – STEM), mas que optam por não estudar ou seguir carreiras nesses campos devido a vários obstáculos que enfrentam, representa uma oportunidade perdida, tanto para as próprias

**11,5
MILHÕES**

ERA O NÚMERO DE ANALFABETOS NO BRASIL EM 2017. DOS JOVENS ENTRE 15 A 29 ANOS, MAIS DE

**25
MILHÕES**

ESTAVAM FORA DA ESCOLA.

ENTRE OS ANALFABETOS,

71%

SÃO HOMENS. AS MULHERES CORRESPONDEM A

6,8%

mulheres como para a sociedade como um todo” (FONTE: [UNESCO](#))

Os meninos não estão isentos dos problemas oriundos do machismo, do sexismo! Segundo a especialista Marília Pinto de Carvalho, a evasão escolar dos meninos pode estar relacionada também a alguns dos referenciais de masculinidades difundidos socialmente, especialmente aqueles baseados na agressividade e na indisciplina. ([CARVALHO, 2003](#))

DE ACORDO COM O MAPA DA VIOLÊNCIA DE 2015, O HOMICÍDIO FOI A PRINCIPAL CAUSA DAS MORTES DE MENINOS ENTRE 16 E 17 ANOS NO BRASIL.

Em 2017, conforme a PNAD-contínua, entre as pessoas de 18 a 24 anos, a taxa das mulheres que frequentam o ensino superior foi de 26,8% e a dos homens 19,7%. Embora a escolaridade das mulheres seja maior, elas ganham menos que os homens. Em 2016, a média dos rendimentos dos homens era de R\$2.306 e das mulheres R\$1.764. Na ocupação de cargos de direção, as mulheres ficaram com 37,8% e os homens com 62,2%, segundo pesquisa do IBGE 2017.

Segundo o Dieese, a taxa de desemprego para as mulheres aumentou em todas as regiões metropolitanas do país. Em São Paulo, era 19,7% das mulheres e 16,5% dos homens. Em Salvador, 26,4% das mulheres e dos homens 21,9%. Em Porto Alegre, 12,4% das mulheres e 10,2% dos homens. E, no Distrito Federal, 21,1% de mulheres e 17,6% dos homens.

(FONTE: [DIEESE/SEADE, MTB/FAT E CONVÊNIO REGIONAIS. PED – PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO.](#))

A divisão sexual do trabalho, por exemplo, ao atribuir tarefas específicas aos indivíduos homens e mulheres, com base no fator biológico, reforça a estrutura de desigualdade, hierarquia e opressão. Além de separar o trabalho de mulheres e de homens estabelece uma hierarquia de valor entre um e outro. Em nossa sociedade, é comum o trabalho de cozinhar, limpar, cuidar das crianças e doentes, educar serem de responsabilidade das mulheres. Embora essas tarefas diminuam os custos da família para a reprodução do valor da força de trabalho, não são remuneradas e são consideradas ideologicamente inferiores ao trabalho da esfera produtiva, destinado socialmente aos homens.

DUPLA JORNADA = DUPLA EXPLORAÇÃO!

O debate sobre gênero e a desigualdade de gênero deve ser realizado no âmbito da educação e no cotidiano escolar, pois perpassa o modelo de educação e cultura que produzimos e reproduzimos no sistema de ensino e na escola também.

OS ESPECIALISTAS INDICAM QUE...

“O estudo apresenta ainda o perfil das vítimas: 93% eram do sexo masculino e, proporcionalmente, morreram quase três vezes mais negros que brancos. Também existe uma elevada concentração de vítimas jovens com escolaridade bem inferior em relação ao conjunto da população dessa faixa etária. O principal instrumento utilizado nas agressões foi a arma de fogo, que esteve presentes em 81,9% dos homicídios de adolescentes de 16 anos e em 84,1% dos homicídios de 17 anos” (FONTE: [MAPA DA VIOLÊNCIA](#))

ENTENDA MELHOR...

“A pesquisa verificou, ainda, que as mulheres ocupam mais trabalhos em período parcial, com menos horas, do que os homens. Nesse tipo de ocupação, elas representam 28,2% da força de trabalho. Já eles representam 14,1%. Segundo Caroline Santos, também pesquisadora do IBGE, essa diferença se dá porque as mulheres procuram mais trabalhos com expedientes mais curtos por, em geral, terem que cuidar também da maioria dos afazeres domésticos ou terem que cuidar de outras pessoas, como crianças ou idosos”. (FONTE: [JORNAL O GLOBO.](#))

DIVERSIDADE SEXUAL

É também no contexto escolar que a diversidade sexual se apresenta e as suas identidades merecem ser compreendidas, respeitadas e valorizadas, pois se relacionam diretamente com as identidades sexuais e de gênero do(a)s estudantes. São diversos os casos de violência escolar motivadas pelo machismo, sexismo e homofobia, ou ainda pela tentativa subliminar de ocultar e silenciar a diversidade sexual em favor daquela identidade considerada “normal” ou “natural” na sociedade. Episódios que vão de piadas, xingamentos, intimidação, ridicularização em público, bullying, a agressões físicas derivam muitas vezes da discriminação contra pessoas que se identificam ou são identificadas como homossexuais, travestis, transexuais, bissexuais etc. A discriminação contra esses grupos identitários desafia a escola a refletir sobre a questão, bem como a adotar formas pedagógicas e ações de combate à discriminação e à LGBTfobia. —————>

SAIBA MAIS

Pesquisa da Organização das Nações Unidas (ONU) revela que 85% de estudantes lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros de alguns países já sofreram algum tipo de violência na escola, incluindo bullying. Não apenas os estudantes LGBT, mas igualmente aqueles que não adotam padrões comportamentais atribuídos ao seu sexo biológico ou considerados fora da “normalidade” também são alvo de violências (FONTE: [ONU](#).)

O bullying praticado contra pessoas por motivo da orientação sexual e identidade de gênero é definido como bullying homofóbico.

Segundo a Unesco, a probabilidade dos jovens sofrerem bullying homofóbico é maior nas escolas que nos espaços da família ou na comunidade (FONTE: [UNESCO](#).)

O bullying é um tipo de violência que torna o espaço escolar inseguro, afeta a saúde, o bem-estar e o desempenho das crianças e jovens. Porque causa sofrimento, medo e estabelece uma relação de poder essencialmente desigual, o bullying, em alguns casos, pode levar os indivíduos a abandonarem a escola.

A escola pode ser um lugar seguro e livre de violências para todos os sujeitos que dela fazem parte! Para tanto, é tarefa de toda a comunidade escolar identificar e compreender a pluralidade que a compõe, combater as discriminações e realizar ações pedagógicas e interdisciplinares de inclusão, baseadas no diálogo e nos princípios democráticos, tendo como objetivo assegurar o direito à diferença e à cidadania.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA

Apelidos depreciativos, piadas sugerindo incapacidade ou ridicularizando os traços físicos, como, por exemplo, o tipo do cabelo e a cor da pele das pessoas em função da sua origem étnica são atitudes preconceituosas e

discriminatórias que têm como objetivo a desqualificação dessas pessoas e a reprodução da desigualdade social. No dia-a-dia da escola, atitudes de preconceitos e discriminações estão presentes e, às vezes, desestimulam os estudantes vítimas dessas violências a desistirem da escola. Por este motivo, a escola pode criar condições para que os estudantes não sejam rejeitados e discriminados em virtude das suas características físicas e culturais. Uma ferramenta que auxilia a escola para enfrentar esse problema é a inclusão do ensino de História da África e da cultura Afro-brasileira nos currículos escolares, por meio da Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, pois ajuda a reconhecer a diversidade cultural da nossa sociedade.

A sua escola tem algum projeto ou ação que aborda a História da África e a cultura afro-brasileira? Quais aspectos da cultura afro-brasileira e indígena você gostaria de conhecer? De que maneira esses temas podem fazer parte do componente curricular de sua escola? →

CURIOSIDADE

Em 2008, foi a vez da criação da Lei Nº 11.645, em 10 de março, que estabelece também a obrigatoriedade de história e cultura indígena nos currículos. A criação do marco legal é resultado de demandas reais das populações afrodescendente e indígenas, que, após muitas lutas e experiências, identificaram a necessidade de criação de diretrizes e orientações para as escolas com o objetivo de garantir o reconhecimento e a valorização da diversidade étnico-racial e cultural na formação social e cultural do nosso país.

VOCÊ SABIA QUE...

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, em 2017, o Brasil tinha 48,5 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade. Desse total, mais de 25 milhões estavam fora da escola, curso, universidades ou qualquer outra instituição regular de ensino no mesmo ano, e 52,5% era de homens e 64,2% de pessoas da cor preta ou parda. O país conta com 11,5 milhões de analfabetos entre as pessoas de 15 anos ou mais. A taxa de analfabetismo persiste entre as pessoas com 60 anos ou mais. (Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017).

Em 2010, existiam no Brasil 896.917 indígenas, dos quais 572.083 vivem em áreas rurais e 324.834 vivem nas zonas urbanas brasileiras. No censo de 2010, foram registradas 274 línguas faladas por indígenas pertencentes a 305 etnias, e foi identificado que cerca de 17,5% da população indígena não falava a língua portuguesa (FONTE: FUNAI.)

SAIBA MAIS EM:

[DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA: DIVERSIDADE E INCLUSÃO](#)
[DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA](#)
[LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO](#)
[IBGE, DIRETORIA DE PESQUISAS, COORDENAÇÃO DE TRABALHO E RENDIMENTO, PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA 2016-2017](#)
[FUNAI](#)
[INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL](#)

RELAÇÃO ESCOLA E POLÍCIA

Desde 1988, o estado de São Paulo conta com o Programa de Segurança Escolar, instituído pelo Decreto nº 28.642, que tem por finalidade “a adoção de toda medida de prevenção geral ao uso e tráfico de drogas, de proteção a estudantes, professores e servidores públicos, assim como a travessia de escolares, nas áreas contíguas aos estabelecimentos de ensino da rede pública estadual”. Para a sua execução, o programa deve dispor de policiais com qualificação específica, baseada no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para garantir a proteção aos estudantes, professores, servidores públicos e da comunidade que se relaciona com a escola. Assim, o programa tem objetivos específicos para a atuação policial no espaço escolar e nas cidades com mais de 15 mil habitantes contará com viaturas identificadas como “Ronda Escolar”.

No estado de São Paulo, a Secretaria de Educação instituiu, por meio da Resolução nº 19/2010, o Sistema de Proteção Escolar na rede estadual de ensino. Nesse sistema, o “Professor Mediador Escolar e Comunitário” é designado para fazer a mediação de conflitos no ambiente escolar, bem como orientar os pais, responsáveis e a família sobre o seu papel no processo educativo. Além disso, o professor mediador pode auxiliar e apoiar os alunos na prática de seus estudos e na busca de proteção social quando for o caso.

Portanto, a escola dispõe de formas institucionais pensadas a partir de seu próprio contexto, capazes de mediar seus conflitos sem que a primeira ou única alternativa seja recorrer a agentes externos, no caso a polícia. Os problemas e conflitos do cotidiano escolar merecem ser permanentemente refletidos por toda a comunidade; não podem ser enfrentados apenas pela direção da escola ou pelos professores. O Projeto Político Pedagógico pode ser um instrumento importante para indicar as estratégias de como a escola enfrentará os problemas e desafios do seu cotidiano, buscando, por exemplo, envolver os pais, responsáveis, a família e a comunidade nesta tarefa.

FONTE: [SECRETARIA DA EDUCAÇÃO.](#)

FONTE: [DIÁRIO OFICIAL V.107, N.11, 16/01/1997.](#)

O PROFESSOR MEDIADOR

PODE AUXILIAR E APOIAR OS ALUNOS NA PRÁTICA DE SEUS ESTUDOS E NA BUSCA DE PROTEÇÃO SOCIAL

PROBLEMAS E CONFLITOS

DO COTIDIANO ESCOLAR MERECEM SER PERMANENTEMENTE REFLETIDOS POR TODA A COMUNIDADE